

AMOR MAIS QUE MAIÚSCULO, DE ANA CRISTINA CÉSAR: CORRESPONDÊNCIA, AUTOBIOGRAFIA E ESCRITA DE SI

*Mariana Soletti da Silva**
solettimariana@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo: O presente artigo pretende discutir a correspondência de Ana Cristina Cesar a Luiz Augusto Ramalho enquanto estudava em Londres, em 1969. As cartas foram publicadas em *Amor mais que maiúsculo*, pela Companhia das Letras, em 2022. Serão feitas reflexões sobre as fontes e arquivos literários que possibilitaram a publicação do livro, bem como uma discussão conceitual sobre a correspondência, a autobiografia e as escritas de si contemporâneas. Haverá, também, um olhar para as cartas como documentos históricos e paratextos. Para isso, utilizar-se-á os autores André Luiz Anselm (2015), Philippe Artières (2013), Leonor Arfuch (2010), Michel Foucault (1992), Regina Kohlrausch (2015) e Philippe Lejeune (2014), entre outros. Como resultado, busca-se trazer as cartas como a tentativa de rememoração de um amor em vias de acabar. Ademais, a presença da relação Brasil-Inglaterra e de estrangeirismos na correspondência as transformam em paratexto para os estudiosos da autora.

Palavras-chave: Correspondências. Paratexto. Autobiografia. Ana Cristina César.

1. Considerações iniciais

Ana Cristina Cesar é um dos nomes mais célebres da literatura brasileira, bem como uma das expoentes da geração mimeógrafo, conhecida também como a poesia marginal dos anos 1970 – à margem da política editorial vigente e da censura. Alguns dos textos dos representantes da poesia marginal, como Antônio Carlos Brito e Paulo Leminski, eram mimeografados, outros xerocopiados ou impressos em antigas tipografias suburbanas. Características como o insólito do cotidiano, a valorização do

* Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação. Jornalista, formada em Letras/Inglês e estudante de Letras/Português pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Interesse e ênfase em Teoria da Literatura, História da Literatura e Literatura Comparada. Pesquisadora, por dois anos, de teatro ático e sul-rio-grandense, explorando a produção do dramaturgo Ivo Bender, sob supervisão do Prof. Dr. Carlos Alexandre Baumgarten. Foi bolsista integral CAPES em Mestrado em Teoria da Literatura, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob supervisão da Prof. Dra. Regina Kohlrausch. No Grupo de Pesquisa da orientadora, analisou o acervo do Caderno de Sábado do jornal sul-rio-grandense *Correio do Povo*, procurando artigos sobre literatura em língua inglesa. Pesquisa literatura em língua inglesa e psicanálise. É bolsista parcial CAPES cursando o Doutorado em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com orientação do Prof. Dr. Carlos Alexandre Baumgarten.

coloquialismo, o culto do instante e a insistência da primeira pessoa do singular se fazem presentes na sua obra.

Ana C., como ainda é conhecida, formou-se em Letras pela PUC-Rio, fez seu Mestrado em Comunicação pela UFRJ e em Teoria e Prática de Tradução Literária pela Universidade de Essex, na Inglaterra.

Por mais que sua produção seja conhecida no âmbito da Ditadura Militar, pois a experiência da época era, de fato, um tópico recorrente da poesia marginal, seu estilo foi fortemente influenciado pela anglofilia que nutria desde adolescente. A curadoria da obra poética de Ana Cristina Cesar, reunida pela primeira vez em volume único pelo poeta e amigo Armando Freitas Filho, demonstra as referências profícuas da literatura em língua inglesa. As "afinidades de poesia/prosa de Ana Cristina com escritores de língua inglesa" podem ser vistas da seguinte forma: "Whitman, na parte franca e discursiva; Emily Dickinson, na concisa e elíptica; Katherine Mansfield (de quem Ana é excelente tradutora)" (Morais *apud* Cesar, 2013, p. 449). Na visão do ex-namorado, era "fascinada pela Inglaterra das irmãs Bronte" (Ramalho *apud* Cesar, 2022, p. 17). Ainda, foi tradutora do póstumo clássico "Ariel", de Sylvia Plath, com quem compartilhava as nuances confessionais – e a melancolia.

Sobre o confessionalismo presente em sua produção,

autobiografia, biografias, correspondências, fotos, confidências. Observação de sua própria vida e da dos outros com a cientificidade, autoferocidade do exame minucioso pelo espelhinho mencionado no poema. Incrível a persistência e a rapidez com que Ana procurava e encontrou o caminho que levava a seu objeto – a literatura: o exercício de dizer o inconfessável, ou o inconfessável na ginástica de se dizer (Alvim *apud* Cesar, 2013, p. 473).

Em 1979, Ana Cristina lançou *Correspondência completa*, composto de uma única carta dirigida a Heloisa Buarque de Hollanda. No entanto, sua relação com a correspondência data de sua juventude. A jovem estudante de dezessete anos passou o ano letivo de 1969 na Richmond County School for Girls, em Londres, com uma bolsa do programa de intercâmbio da Internacional Christian Youth Exchange (ICYE), federação internacional de intercâmbios ligada à Igreja Católica.

À época, estava namorando Luiz Augusto Ramalho, que havia participado do programa de intercâmbio também, mas que depois estabeleceu-se na Alemanha como exilado político. O ex-namorado optou por compartilhar as correspondências guardadas por mais de cinco décadas ao acervo da escritora no Instituto Moreira

Salles, em 2017. Contudo, somente no fim de 2021 foram cedidas as cartas originais – lamentavelmente, as cartas cujo destinatária era Ana C. não foram encontradas por ele. Luiz Augusto diz que não conseguia ler as cartas, pelo medo de "ser tragado para um poço sem fundo de memórias dolorosas": relatou sonhar constantemente com a ex-namorada (Ramalho *apud* Cesar, 2022, p. 14).

O processo de autorização para a publicação das cartas, por tratar-se de alguém que já faleceu, se deu da seguinte maneira:

Entreguei as cartas para Flavio Wolf de Aguiar, professor aposentado de literatura da USP, escritor, jornalista e poeta contemporâneo de Ana, e sua esposa, Zinka Ziebell, professora de literatura e língua portuguesa no Instituto de estudos Latino-Americanos da Universidade Livre de Berlim e grande admiradora de Ana. Meu simples pedido: leiam as cartas e me digam o que pensam que devo fazer com elas. Conselho deles: publicá-las.

Os acasos da vida: Flavio Lenz Cesar, irmão de Ana e meu amigo de infância, se casou com uma amiga minha alemã, a Friederick Strack, e veio morar em Berlim. A ele também novamente entreguei as cartas e pedi seu conselho. Flavio logo tomou a iniciativa de contactar a Companhia das Letras, e a decisão estava tomada: sim, publicá-las (Ramalho *apud* César, 2022, p. 14).

Como temática, mais do que o encantamento em ler dois jovens apaixonados, com os sonhos de um futuro longínquo frente às dificuldades dos brasileiros, a correspondência revela a instigação de Ana C. em ler histericamente, assistir a peças, estudar – um testemunho e registro histórico do seu aporte cultural e intelectual que acarretaria o estilo da poeta em construção. Seus textos, mesmo crus, são inventivos: algumas cartas eram escritas em cartões-postais, outras em embalagens de cigarro, de chocolate, mapas de metrô e fotografias. Ela alternava as cores das canetas e fazia desenhos com giz de cera e aquarelas, assim como recortes de revistas e cartazes. O caráter de sua poética se faz evidente em sua trajetória; aqui, em um período de intensas transformações e descobertas.

O presente artigo pretende discutir a correspondência de Ana Cristina Cesar a Luiz Augusto Ramalho enquanto estudava em Londres, em 1969. As cartas foram publicadas em *Amor mais que maiúsculo*, pela Companhia das Letras, em 2022. Serão feitas reflexões sobre as fontes e arquivos literários que possibilitaram a publicação do livro, bem como uma discussão conceitual sobre a autobiografia e as escritas de si contemporâneas, um olhar para as cartas como documentos históricos e a epistemologia amorosa na troca de cartas entre casais. Para isso, utilizar-se-á os autores André Luiz Anselm (2015), Philippe Artières (2013), Leonor Arfuch (2010),

Michel Foucault (1992), Regina Kohlrausch (2015) e Philippe Lejeune (2014), entre outros.

2 A autobiografia e a correspondência

Para Michel Foucault (1992, p. 137), a escrita de si funcionaria como um monitoramento de suas próprias ações, atenuando os perigos da solidão e sendo um alicerce da “subjectivação do discurso”. Nesse sentido, durante o seu processo, a escrita é terapêutica. Como equilíbrio, é um

exercício pessoal praticado por si e para si [...] uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira reflectida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso (Foucault, 1992, p. 141).

No mesmo sentido construtivo, o conceito de corporalidade, tão caro ao teórico, reaparece: é através das coisas ditas que o escritor constitui a sua própria identidade, feito uma aparição ou emanação de uma entidade espiritual – o autor chega a utilizar a palavra “alma” (Foucault, 1992, p. 142).

Para Philippe Lejeune (2014, p. 16), a autobiografia seria uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Como gêneros vizinhos, cita as memórias, biografias e diários: no que chama de *pacto autobiográfico*, é imperativo o emprego da primeira pessoa, remetendo ao “ato de estar falando” (Lejeune, 2014, p. 25). Lejeune sugere o ato de “colher confidências” (2014, p. 113) na autobiografia, o que poderia ser transposto para as correspondências.¹

Na formação de identidade foucaultiana, percebe-se que precisamos do outro para ouvirmos nossos sufrágios com maior racionalidade; exercitar-se a si próprio através de cartas, como Sêneca, ou até mesmo como “ajuda alheia” (Foucault, 1992, p. 134). Ainda sobre o adestramento de si mesmo, comentado anteriormente, há o

¹ É preciso pontuar as devidas dissemelhanças entre o diário e a carta. O diário tem um destinatário ausente, e o pretexto de solidão e identidade, conforme Marie-Hélène Paret Passos (2014) é diferenciado.

adestramento realizado pelo outro, em forma de conselho. Do mesmo modo, retomase a fluidez da linguagem para o autor, reconhecendo a presença do outro na carta tanto quanto a manifestação de si.

Regina Kohlrausch (2015) vai ao encontro da argumentação foucaultiana: a carta pode ter uma corporalidade à medida que é uma manifestação de si próprio aos outros - uma substituição factível da presença e respeitosa, como o corpo, do tempo. Pressupõe-se reciprocidade: enquanto há a construção de uma narrativa de si, uma "abertura de si", se espera que o outro responda à investida (Kohlrausch, 2015, p. 150).

De acordo com Reinaldo Marques (2015, p. 55),

Se as práticas da escrita e da leitura alavancam a construção da vida íntima, da esfera privada, distintas do espaço público, também não deixam de promover certos cruzamentos do público e do privado, que rasuram suas fronteiras. É o caso de certas formas de escrita, anotadas por Habermas, que formatam um tipo de subjetividade no interior do espaço privado voltado entretanto para o público. Exemplificam-nas a correspondência epistolar, entendida como "escrito da alma", e o diário íntimo, visto como uma carta endereçada ao emissor.

Posto isso, o "escrito da alma" representa uma espécie de "ressurreição do autor" proposta por Michel Foucault (*apud* Alberca, 2007, p. 26), haja vista a famosa aula de Roland Barthes, que propunha a morte do autor. Nesse sentido, a entrega de suas particularidades para outras pessoas se evidencia.

Por definição, na visão de Miguel Alberca (2007), a carta é compartilhada. Ela funciona de forma trípole: é um objeto, um ato e um texto, a ser trocado, a enxergar o Outro e a ser publicado. A partir do momento em que é postada, a propriedade da carta é do destinatário. Em caso de morte, pode ser de seus herdeiros. Mesmo assim, a carta ainda é propriedade intelectual do autor; por outro lado, qualquer pessoa envolvida em tal compartilhamento de correspondências pode se opor à divulgação e à publicação delas. Para Kohlrausch (2015, p. 226), o esquema é simples: as palavras são propriedade do emissor, ao passo que o material é propriedade do destinatário.

À uma maneira bastante poética, eis um exemplo de Ana C. sobre o compartilhamento de um casal e o que a carta ressoa acerca de corporalidade:

Minha carta não tem tema nem voltas a não ser você, meu tema e minha volta. E viver sem tema eu não entendo, tenho um ano para não entender e me afundar em desespero ou em cartas ou em velhas fotografias ou nessa

impossibilidade de aceitar substitutos ou nessa incapacidade de escrever direito. EU NÃO ENTENDO. LUIZ, olha, nem posso fazer o que você fez, você escreveu uma carta sobre a gente ou sobre o passado da gente, e aí nós ficamos perplexos **(de mãos ou cartas dadas)** por cima (ou por baixo) do passado da gente, e ninguém sabia (Cesar, 2022, p. 67, grifos nossos).

Leonor Arfuch (2010), em sua teorização em *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*, trabalha com o descentramento do sujeito, no sentido de que este precisa ser pensado em relação ao Outro, destruindo a pretensa homogeneidade da escrita autobiográfica. A relação que a autora faz com a psicanálise e a retórica cria uma bela estranheza entre a escrita autobiográfica e o trabalho de linguagem que constituirá a objetividade de seu texto. Para trabalhar com a heterogeneidade e a hibridização em exemplos de biógrafos ou autobiógrafos, utilizou-se da intertextualidade – certamente comparáveis aos paratextos encontrados em *Amor mais que maiúsculo*, portanto. Nesse viés, cria-se um “*espaço biográfico* como horizonte de inteligibilidade e não como mera somatória de gêneros já conformados em outro lugar”, o que nos possibilita “uma leitura transversal, simbólica, cultural e política das narrativas do eu e de seus inúmeros desdobramentos na cena contemporânea” (Arfuch, 2010, p. 16).

Por mais que a autora trabalhe em demasia com a entrevista mediática para traçar um novo espaço biográfico, as tendências de subjetivação e autorreferências também são explanadas à luz da correspondência, a partir das “tecnologias do eu” e do “si mesmo”, seguindo a perspectiva de Michel Foucault (Arfuch, 2010, p. 19). Sobre os diários íntimos e as correspondências, vemos que a teórica praticamente traduz o processo criativo de Ana Cristina César, pois são textos desprovidos “de amarras genéticas”, abertos “à improvisação, a inúmeros registros da linguagem e do colecionismo – tudo pode encontrar em suas páginas: contas, bilhetes, fotografias [...]” (Arfuch, 2010, p. 143).

Quanto às correspondências em específico, ressalta-se o trabalho de Foucault (1992) nas cartas de Sêneca e Marco Aurélio a seus mestres, registrando “o devir da minúcia cotidiana” a partir do cuidado de si (Arfuch, 2010, p. 146). Mais do que isso, ao traçar a historiografia da atenção de leitores e críticos pelo gênero epistolar, aponta a atualidade das marcas de gênero, mesmo que a grande maioria das correspondências célebres publicadas seja póstuma. Suas marcas estão, inclusive,

em informações conhecidas pelos correspondentes, mas desconhecidas por terceiros, que levam o desconhecido como uma apaixonante aventura.

Elas vão além de informações biográficas, históricas ou científicas – precisamente porque, geralmente, não têm propósito algum senão a comunicação entre duas partes, não respondendo “inicialmente a uma vontade de publicação” (Arfuch, 2010, p. 147).

A epistemologia amorosa, a ser discutida posteriormente, rechaça a ideia de que o enigma das cartas de Ana Cristina César se sobressaia ao seu valor poético sozinho ou como paratexto aos seus textos, principalmente referente aos estrangeirismos e influências da Inglaterra. Contudo, Arfuch (2010, p. 148) expressa consternação:

Transformada em produto editorial, sua aposta é forte: permitir a intromissão num diálogo privilegiado, na alternância das vozes com a textura da atividade e do caráter – às vezes, das duas vozes –, no tom menor de domesticidade ou no da polêmica, assistir ao desenvolvimento de uma relação amorosa ou de um pensamento, acompanhar a vibração existencial de alguém que se “conhece” de longe. Aposta que talvez fique truncada [...] diante de um jogo enigmático, de um excessivo ajuste às regras da cortesia e do pudor ou, simplesmente, às formas do gênero (Arfuch, 2010, p. 148).

Outra consternação faz parte do processo editorial das publicações de correspondência, principalmente acerca da propriedade das cartas e seu manejo. De acordo com o prefácio de Rachel Valença em *Amor mais que maiúsculo*, houve inúmeros critérios editoriais adotados para que a finalização dos textos das cartas de Ana C. suscitasse a publicação. A transcrição das cartas encontrou entraves - como dito anteriormente, Ana Cristina escrevia nos mais variados tipos de suporte, inclusive no espaço entre frases impressas. Para a edição de texto, a equipe de Literatura do IMS entendeu que o desvio da norma pode ser, e frequentemente é, a visita da poesia. Daí o cuidado redobrado e, acima de tudo, a humildade de que se reveste esse trabalho" (Valença *apud* Cesar, 2022, p. 31). Consequentemente, tal informação corrobora um dos objetivos do presente trabalho, que é encontrar as estratégias do processo criativo e da poética da autora fora do seu texto ficcional. Contudo, a atualização ortográfica foi adotada, levando em consideração as duas reformas que alteraram a regra da escrita do português (esses eram textos produzidos há mais de cinquenta anos). Outrossim, a correção de erros óbvios, que passam batido na revisão

de texto de quaisquer sujeitos, foi alterada. No que se refere ao processo de entrega das cartas ao IMS, o supracitado texto de Luiz Augusto Ramalho explica os trâmites.

Nesse sentido, o cuidado formal das correspondências parece ter sido secundário à remetente. Os textos foram escritos entre aulas, em viagens de ônibus e outras situações em que a atenção retida era concomitantemente compartilhada com outras atividades. Essa conjuntura permitiu maior oscilação da norma-padrão, também "perfeitamente compreensíveis numa estudante de sua idade, principalmente fora do país, sem contato com a língua natal. São "erros" banais, muito comuns e até justificáveis", haja vista a complexidade da língua portuguesa" (Valença *apud* Cesar, 2022, p. 33).

3 A correspondência de Ana C.: amor, denúncia e rememoração

No que tange a correspondências como reservatório da ficção, Marie-Hélène Paret Passos (2014, p. 190) as entende constitutivas de "pistas interpretativas da obra analisada pelo pesquisador", além de um "recurso fundamental a pesquisas" por meio da Crítica Genética. A Crítica Genética, enquanto campo teórico-metodológico, almeja reconstruir a história do texto desde o seu nascimento e reconstituir a sua história. Segundo Almuth Grésillon (1991, n. p.), não é

com efeito, uma disciplina independente constituída. É um campo de pesquisa e um campo que se busca, mas cujo objeto é definido, os manuscritos modernos e cujos objetivos, descrição e exploração dos mecanismos de escritura estão designados.

Através dela, testemunhamos as origens da mescla entre vida real e criação – alguns conteúdos podem ser reciclados no texto de uma obra literária, e uma obra literária pode aparecer, posteriormente, como inspiração ou referências de uma correspondência. Quando uma situação real é transposta como criação ficcional, a fronteira se torna cada vez mais tênue, não havendo distanciamento entre vida e criação. Isso facilita a tarefa de a Crítica Genética pensar no início de um processo criativo mental.

Em momentos mais espontâneos, como digressões sobre seus estados de espírito, o estado anímico das leituras principais de Ana Cristina César pode ser

enxergado como o princípio de suas escritas (como Sylvia Plath, do movimento de "poesia confessional" de Robert Lowell):

Hoje hoje por favor querido meu tente escrever com menos sofreguidão (não ouse fazer trocadilhos com a palavra) eu estou perdendo as tuas palavras tentando decifrar tentando tentando eu tento NINGUÉM PODE ME CULPAR eu tentei e cada passo cada carta cada beijo não dado EU TENTAVA (Cesar, 2022, p. 57).

Estando imersa num país de língua inglesa, acredita-se que Ana Cristina César criou o hábito de transmitir ao leitor a sua fluência nas duas línguas, tal como se o cérebro não conseguisse escolher rapidamente qual a expressão mais apropriada para o momento e o meio no qual o indivíduo está inserido. São realizados falsos cognatos: "Estou (estamos) muito *excitadas*", em vez de animadas (Cesar, 2022, p.43, grifos nossos), e "Eu *caio amorosa* por você", em vez de "eu me apaixono por você", pois a expressão em francês é "Je tombe amoureuse de toi" (Cesar, 2022, p. 105, grifos nossos). Entretanto, é a própria constatação no entrave entre línguas que deve ser destacada: "I can't think in portuguese. It sounds false, see" (Cesar, 2022, p. 39). Como a estudante fazia aulas de francês, essa língua também aparece em demasia nas cartas – "E que mais fazer, senão sentar como a *petite Antigone* e olhar pela janela *toute seule*" (Cesar, 2022, p. 133).

Como pontuado por Valença (*apud* Cesar, 2022, p. 34), Ana Cristina César até mesmo criava, pelo uso, formas híbridas dos dois idiomas que utilizava nas cartas, a língua inglesa e a língua portuguesa: o que nas primeiras cartas é chamado de "baby-sitting" evolui com o passar dos meses para "baby-sentar" até "beibesentagens".

Nesse contexto, percebemos essa tendência em suas obras. Diacronicamente, apresentamos o Quadro 1, com pelo menos uma ocorrência de estrangeirismo em cada obra publicada em *Poética* (2013). Letras de músicas e citações diretas de obras literárias, bem como expressões já assimiladas pelos falantes da língua portuguesa, por exemplo, não entraram na estimativa.²

² O motivo pelo qual não realizamos um mesmo quadro contendo as ocorrências de estrangeirismos em *Amor mais que maiúsculo* (2022), o nosso objeto de estudo neste artigo, é óbvio: praticamente todas as cartas, quicá todos os períodos, têm registro da língua inglesa, senão da língua francesa. O nosso compromisso por um artigo conciso, então, resta assegurar a semelhança clara entre todas as ocorrências, ocorridas em 1969, e os estrangeirismos vistos no Quadro 1, que datam inicialmente de 1979. Contudo, na próxima página, falar-se-á sobre a produção de poesia dentro das próprias correspondências de Ana para Luiz, que, obviamente, resguarda similaridades.

Quadro 1: Ocorrência de estrangeirismos em Poética (2013)

Obra	Ocorrência
<i>Cena de abril</i> (1979)	"Posso ouvir minha voz feminina: estou cansada de ser homem. Ângela nega pelos olhos: a woman left lonely" (CESAR, 2013, p. 32).
<i>Correspondência completa</i> (1979)	"Insisto no sumário que você abandonou ao deus-dará: 1. bondade que humilha; 2. necessidade versus prazer; 3. filhinho; 4. prioridades; 5. what are men for." (CESAR, 2013, p. 49).
<i>Luvras de pelica</i> (1980)	<p>* em francês "non, je ne veux pas faire le détective" (CESAR, 2013, p. 58). "Sweetheart, kleptomaniac sweetheart. You know what lies are for. Doce coração kleptomaniaco" (CESAR, 2013, p. 59).</p> <p>* em francês "Dear me! Miss Brill didn't know whether to admire that or not! Fini le voltage atroce." (CESAR, 2013, p. 60). "(...) meu flerte com o homem dos correios. Tonight, maybe one of these days... he wrote a letter about a girl. Are you ready? One, two, three – estou mestre em abrir envelopes." (CESAR, 2013, p. 65) "News at Ten. Vejo o papa no Rio de Janeiro. Brazil today" (CESAR, 2013, p. 66). "Ps.: Li Brás Cubas verticalmente e me pôs low, quite low" (CESAR, 2013, p. 69). "(...) dois homens pescando, todos os trechos certos da paisagem e a perspectiva toda errada. Perhaps he is trying to show you can do all the perspective wrong and the picture will still look all right" (CESAR, 2013, p. 71). "Two sleepy people em câmara bem lenta: no coração de Paris uma câmara de sonho oriental" (CESAR, 2013, p. 71). "I am going to pass around in a minute some lovely, glossy-blue picture postcards" (CESAR, 2013, p. 72).</p>
<i>A teus pés</i> (1982)	<p>"Agora é a sua vez. Do you believe in love...?" (CESAR, 2013, p. 78). "Artista da poupança. Absoluely blind." (CESAR, 2013, p. 90)</p> <p>* em francês "Um tea for two total, tilintar de verdade</p>

	<p>que você produz, charmeur volante (...)" (CESAR, 2013, p. 96). * em francês "Dans mon île (...) F for Fake" (CESAR, 2013, p. 98). * em espanhol "castillo de alusiones forest of mirrors" (CESAR, 2013, p. 101) "Beware: esta compaixão é paixão" (CESAR, 2013, p. 111). *em espanhol "É só para você y que letra tán hermosa" (CESAR, 2013, p. 121).</p>
<p><i>Inéditos e dispersos</i> (1985)</p>	<p>"(...) ap ego me inti mida semen te poé tica do me do tão heavy leve" (CESAR, 2013, p. 193). * em italiano e em espanhol "eu lia assim, com sotaque: "eu sou como sou vidente niente janela y ventana Ana I love you neon go go girl" Parava, levantava os olhos um pouco, inventava: "go go go go said the bird mankind cannot bear much reality" enquanto ela ria assim" "ah gô-gô girl, quem foi que disse, como é que pode?", tinha assim um jeito (...)" (CESAR, 2013, p. 216) "Não me venhas mais com a filosofia da varredura, passei da idade e detesto certas memórias do alto Xingu.</p> <p>Serious now. Don't get strained by my strain. Don't get upset because I'm not heroic (...)" (CESAR, 2013, p. 220). "Você pensando: aqui tem. Montñas Borrascosas. Do you remember... the night begins to linger in the heart..." (CESAR, 2013, p. 223). "Não usar a palavra bliss em vão. Bliss ou é do tipo que(...) Atenção, o bliss que te amassa a cabeça é moeda falsa (ver moral instrutiva do conto de KM</p>

	<p>com o mesmo homem). (CESAR, 2013, p. 224).</p> <p>"dizia meu amor sempre em blue mas era um blue feliz indagando só "what's new" uma questão matriz desenhada a giz" (CESAR, 2013, p. 259-260).</p> <p>"Matter of fact que eu já conheço, sem desordem "(...)</p> <p>Mala diplomática apenas por um fio. I can't give you anything but love, babe" (CESAR, 2013, p. 269).</p> <p>"Pickpocket! Desperdício. Carona. Tranco. Fog. Certa noite avoluma-se a renúncia. Farol antineblina. Bliss também. (CESAR, 2013, p. 298).</p>
<p><i>Antigos e soltos: poemas e prosas da pasta rosa</i> (2008)</p>	<p>*em francês, português e inglês</p> <p>"Plus tard, les signes, certains signes. Les signes me disent quelque chose. J'en ferais bien, mais um (sic) signe, c'est aussi um (sic) signal d'arrêt. Or em (sic) temps je garde um (Sic) autre désir, un pardessus tous les autres". E é por isso que eu não escrevo. (CESAR, 2013, p. 417).</p>

Fonte: a autora (2022).

Em um bilhete sem data, enviado no envelope, há um dos poemas da adolescente Ana Cristina, que antecipa fortemente o seu estilo visto no Quadro acima:

Agora
quem és tu, couleur des yeux,
couleur des cheveux, signes printanniers,
lieu et date de naissance?
The validity of this certificate shall extend for a period of
[three seconds
ou por eternidades abissais? (Cesar, 2022, p. 194).

Assim, demonstrada a clara influência da imersão no dia a dia inglês no processo criativo de Ana Cristina Cesar, destaca-se outra influência: a de escritores que ela estava lendo no contexto de suas correspondências. A própria conjugação prosa/poesia, presente na maioria de suas produções supracitadas, bebe de Katherine Mansfield, uma de suas maiores mentoras. Inclusive, a palavra "bliss", que aparece em mais de um momento em *Inéditos e dispersos* (1985), alude ao conto da norte-americana chamado *Bliss*. Publicado em 1918 e aclamado pela crítica, foi traduzido por Ana Cristina enquanto realizava seu Masters of Arts em Teoria Prática da Tradução Literária, na Universidade de Essex. Posto isso, falando na gênese de seu interesse pelo conto *Bliss*, de Katherine Mansfield, ela destaca a observação de Christopher Isherwood de que, naquela autora, "ficção e autobiografia constituem uma única e indisível composição" (Alvim *apud* Cesar, 2022, p. 474).

A citação direta a Emily Dickinson, por exemplo, demonstra

de forma decisiva aquele que viria a tornar-se um dos traços mais específicos da sua poesia – um intimismo tenso e intenso, de onde emana uma revelação não raro despudorada do Eu, e que está na base de suas experiências genológicas por registros do tipo diário e epistolar (basta lembrar que um dos livros de poesia que publicou em vida se intitula precisamente *Correspondência Completa*) (Frias *apud* Cesar, 2013, p. 487).

Reiteram-se algumas leituras adicionais: Emily Brontë, como "loucura" (Cesar, 2022, p. 66), Walt Whitman, que tem "presença tutelar" em sua obra (Frias *apud* Cesar, 2013, p. 488) e Virginia Woolf, deixando clara, em intertextos posteriores, uma "preocupação com um enfrentamento estético das questões de gênero e de identidade, sobretudo a feminina" (Justino, 2014, p. 60). Complementando,

Ana Cristina Cesar está no olho do furacão dessa esteira de acontecimentos. É nessa experiência já antiga de ruptura e ao mesmo tempo tão atual que se insere sua experiência profunda de linguagem e de percepção de mundo. Vinculada histórica e socialmente ao grupo de poetas marginais do Rio de Janeiro, Ana cultivava laços resistentes com o modernismo e uma afeição pela atividade tradutória e crítica que podem remeter ao ideário dos poetas concretos. Seu gosto pelo estudo dos principais poetas de todas as linhagens – de Walt Whitman a Emily Dickinson, de Baudelaire a Gertrude Stein, Fernando Pessoa, Mallarmé, e não só poetas, escritores e escritoras, como Virginia Woolf e Clarice Lispector – fizeram de Ana Cesar uma herdeira ao mesmo tempo comportada e infiel desta tradição (Justino, 2014, p. 74).

Ana Cristina César estava, indubitavelmente, muito apaixonada por Luiz Augusto. A grande maioria das correspondências entregues pelo ex-namorado ao Instituto Moreira Salles dá conta de declarações de amor infinitas e do desespero na espera da amada pelo reencontro. Chama atenção todos os meios pelos quais Ana Cristina era capaz de demonstrar a sua angústia apaixonada, como o calendário customizado no papel (ver Quadro 2):

Quadro 2: Calendário feito para Luiz Augusto e enviado em correspondência

	seg.	3a	4a	5a	6a	sáb.	dom	outros dias da semana
manhãzinha	LUIZ							
manhã	LUIZ							
tardes loucas	LUIZ							
tardezinhas	LUIZ							
primeiras noites	LUIZ							
altas noites	LUIZ							
tempos fora do tempo	LUIZ							

Fonte: Cesar, 2022, p. 63.

Sissa Jacoby (2014), ao dissertar sobre as diretrizes seguidas geralmente por aqueles que escrevem cartas, comenta o esquecimento das particularidades das cartas de amor, que nunca são vistas em modelos de cartas de negócios ou cartas oficiais, como as outrora trocadas entre Chefes de Estado. Sobre isso, com o advento da tecnologia, sabemos que as correspondências caíram em desuso. No entanto, no campo dos relacionamentos interpessoais, ainda é fonte profícua de estudos sobre documentação e memória da era pré-Internet.

Segundo a autora,

A correspondência entre duas pessoas é, por definição, uma escrita íntima e confessional, o que a torna não só um repositório de segredos, muitas vezes inconfessáveis, como também um baú de máscaras, capaz de apresentar facetas nunca mostradas ao longo de toda uma vida. Por outro lado, como testemunho e memória, permite a reconstrução do *outro* pelo seu *eu* futuro, ainda que fragmentado e desfigurado, no distante exílio do passado. Para além das evidências expressas pelo discurso ou das entrelinhas que a

constituem, uma carta pode abrigar tesouros muitas vezes esquecidos até mesmo pelo emissor e/ou por seu destinatário, principalmente quando se trata de cartas escritas da juventude – fase instável por excelência (Jacoby, 2014, p. 225).

Enxergamos as características não só de Ana C. como futura escritora, mas de suas preferências que guiaram a sua produção criativa e as suas escolhas pessoais, como o apreço pela Inglaterra. A juventude, ressaltada pela autora, é exposta em uma linguagem crua e despida, a fim de se entregar a seu amor *por meio da palavra*, como se a mesma, de fato, materializasse Luiz:

30 de dezembro

É agora que eu preciso te escrever. Com o pulso rápido, sem pausas nem parágrafos. Porque agora eu te desejo e te amo e abro o meu amor inteiro para dizer que sim. Estou feliz de repente. Estou sendo e te amando inteiramente, e a tua ausência é tão absurda que eu estremei de desejo presentindo que você ia abrir a porta e entrar. Fui buscar uma caneta que liberta uma tinta úmida e meio viva. E te escrever sem truques nem pressa, o pulso rápido e a página limpa (Cesar, 2022, p. 188).

A ideia de *materialização através da carta*, que já expusemos anteriormente, se faz clara na correspondência de Ana Cristina César. Quiçá por tratar-se de uma correspondência amorosa, a materialidade do corpo remete ao sangue vermelho em suas ilustrações, à respiração rápida em textos cuja pontuação se faz escassa, ou até mesmo por meio de um exercício criativo: "Luiz, estou toda expectando/ (amor)/)amor(" (Cesar, 2022, p. 56).

O emissor busca o que é inteiro a partir de fragmentos – envelopes e envelopes. Ana C., como era esperta, tinha consciência de tal dinâmica:

Luiz, eu também. Ontem à noite depois de um banho de banheira triste e frustrante, segurei todas as tuas cartas, reli as tuas cartas, tentei, tentei não sei o que eu tentei. Papel de fichário e papel azul. Com a de hoje são doze cartas. E mais cinco cartões-postais. A de hoje mais uma vez me desmoronou.

Luiz, eu também choro sem lágrimas e pergunto ao outono por você, e não brigo com Deus por que eu nem sei. Eu também espero pelo dia quando nós vamos parar de escrever cartas um para outro, porque a gente não vai mais precisar, a gente vai nos ter inteiros (Cesar, 2022, p. 122).

De maneira complementar,

Ao contrário do diário, cujo destinatário é – ou era, na origem do gênero –, o *eu futuro* daquele mesmo que escreve, a carta visa a um destinatário concreto

e específico, que condiciona o conteúdo e os matizes do discurso. Nesse sentido, confessar-se ao ser amado ou a um amigo íntimo – caso das cartas de amor ou de amizade –, pode não garantir verdades absolutas a respeito do emissor, mas dizem muito de seu estado anímico no momento da escrita, quando considerado em seu contexto. Assim, lidas em conjunto, as cartas de amor também podem oferecer elementos para uma projeção biográfica, ainda que fragmentada (Jacoby, 2014, p. 232).

José Roberto Silveira (2011), examinando a correspondência de Caio Fernando Abreu (de quem Ana Cristina César era muito amiga), a fim de encontrar a documentação de eventos históricos no Brasil, pode auxiliar a leitura da correspondência amorosa entre Ana C. e Luiz Augusto. Luiz era inimigo da Ditadura Militar, Ana era uma adolescente em ascensão intelectual; os dois estavam a par da tortura e da repressão em solo brasileiro. Jovens, não hesitavam em compartilhar informações sobre o Brasil:

Estou falando devagar e *The Times*, Monday August 18 1969: EDITOR HELD BY BRAZIL POLICE: Buenos Aires, Aug. 18: Brazilian police this weekend kept senhor Erminio Sachetta, the editor of the São Paulo evening newspaper *Diário da Noite*, in detention for publishing the full text of a broadcast made from a local radio station by a pro-Castro urban guerilla group. No other newspaper in either SP or RJ has published the prerecorded message by Carlos Marighela, a former communist deputy who is hunted by the political police. He called on the Brazilian people to join an armed struggle to overthrow the military regime. As further evidence of the even tougher stand being taken by military hardliners, 37 former Army officers have been put on trial in Porto Alegre in RGS province accused of endangering national security (Cesar, 2022, p. 41).

Mesmo fora do país, são eles testemunhas da história que abrange seus amigos e familiares:

As notícias do brasil! As notícias! Aqui no Catholic Herald saiu que freiras estão sendo torturadas, com nomes. E a carta do teu pai vem terrível. O pessoal de casa não manda detalhes, assumem que eu já sei, ou querem que eu tenha um jolly good time sem a preocupação do detalhe terrível (Cesar, 2022, p. 160).

De acordo com o autor, "o país espelha o sujeito e vice-versa" (Silveira, 2011, p. 4), logo, "o pano de fundo social se funde na própria escrita de assuntos pessoais" (Silveira, 2011, p. 5). Assim, discussões importantes, como sobre artigos inconstitucionais que davam aval à pena de morte no Brasil, eram suavizadas em meio à paixão: "Querido, por que, por que você está "bastante preocupado com a situação

no Brasil"? Que eu saiba o Brasil nunca esteve melhor em toda a minha vida. (Não, não peça divórcio)" (Cesar, 2022, p. 103).

Seguindo as ideias de Silveira (2011, p. 5) acerca das cartas de Caio F., "a arte então passa a repercutir a circunstância histórica. E a repercussão se dá pela sátira, a leitura crítica da real situação do país".

Isso se dá nas correspondências de Ana Cristina César:

De repente não há imagens nem imagens que possam negar a minha nulidade. Você diria – é um problema de classe? Duvidar da própria existência é o estigma de uma formação 'burguesa'? (vai entre as pas porque quanto já se vez com esta palavra! que você entenda) (Cesar, 2022, p. 271).

Como testemunhas da História (que as vivencia, as relata e, portanto, as revive novamente), os dois conseguem ter uma ideia mais clara do que é presente e passado, caminhando para a previsão de um futuro neste material (Silveira, 2011). Ademais, atenta-se à uma espécie de universalidade de certos acontecimentos, ao passo que a ameaça comunista ainda era vista como algo sério:

Tudo (TUDO?) por causa de uma discussão sobre a sociedade de consumo – quando eu citei a palavra revolução ela caiu em cima: mas quando, você quer fazer outra China na Inglaterra, onde já se viu, na tua cabecinha as coisas não estão muito claras etc. e tal. Pra ela revolução = derrubada do governo por métodos estritamente sangrentos. Muito bem, e daí? Continuo a de sempre, esgarçando discussões nas aulas, Vietnã e a "estupidez" americana (Cesar, 2022, p. 170).

4 Considerações finais

E então sair com Ivan — tão lindo, mais lindo ainda —, tomar um vinho, depois vir dormir. E não conseguir: na minha cabeça, Ana C. parada à beira de uma janela. Pensamentos mórbidos: o que ela teria sentido um segundo antes de se jogar no espaço. Depois do choque, certa raiva. Com que direito, Deus, com que direito ela fez isso? Logo ela, que tinha uma arma para sobreviver — a literatura —, coisa que pouca gente tem. Pedi a Deus que não permitisse que ela ficasse muito tempo no limbo onde ficam os suicidas. Terá ouvido? Deus não andarão com aquela surdez provocada pela poluição sonora? (Abreu *apud* Moriconi, 2002, loc. 533).

Em um diálogo entre presente e passado, "a lembrança [...] se dá no nível da linguagem e representa a busca de uma existência" (Remédios, 2004, p. 280). Ou seja, a tentativa de Ana C. de verbalizar (e ilustrar) um presente e passado indisponível a Luiz Augusto, com quem gostaria de estar compartilhando os seus

momentos, é a locomotiva de toda sua produção literária da época. Essa mesma lembrança reverberará em trabalhos futuros, como na coletânea *A teus pés*.

A carta como documento sobre o que está acontecendo no mundo no momento de sua escrita está presente nessa produção de Ana Cristina César, pois ela discute os acontecimentos da Ditadura Militar de maneira assídua, constantemente trazendo notícias que, provavelmente não eram veiculadas em seu país de origem.

Os estrangeirismos utilizados por Ana C. demonstram a influência de literaturas estrangeiras em sua vida, o que refletirá na sua produção criativa posterior. A relação da autora com a Inglaterra é intensificada através dessa experiência, segundo sua própria obra e relatos de amigos.

Em sua produção, fica clara a urgência de um amor que só pode ser vivido através das palavras – o que nos faz indagarmo-nos se não são essas mesmas palavras os fios condutores de todas as experiências humanas, porquanto percebemos a qualidade da forma e do conteúdo criado por Ana Cristina César. A mesma urgência, basal para a troca de correspondências entre Inglaterra e Alemanha, finda-se com o esperado retorno ao Brasil: “estou voltando para a família, a ditadura, a amiga com fossa de amor, o Pasquim, o vestibular, correspondências, livros, dúvidas. Para uma carta tua. Volta.” (Cesar, 2022, p. 276).

A premissa do amor, daquilo que um dia se crerá perdido, e que por isso faz sentido, demonstra-se verdadeira.

Ana C., provida de uma tola esperança, acredita em uma vida mútua entre correspondência e experiência corporal. Sabemos, no entanto, que aquela substitui esta. Por fim, eram os votos da estudante apaixonada. Mas a arma de Ana C., exposta de maneira tão frágil por Caio Fernando Abreu como o seu único escudo perante a morte, não era o suficiente para que ela sobrevivesse.

AMOR MAIS QUE MAIÚSCULO, BY ANA CRISTINA CÉSAR: CORRESPONDENCE, AUTOBIOGRAPHY AND SELF-WRITING

Abstract: This article intends to discuss Ana Cristina Cesar's correspondence with Luiz Augusto Ramalho while he was studying in London, in 1969. The letters were published in *Amor mais que maiúsculo*, by the editors of Companhia das Letras, in 2022. Reflections will be made on literary sources and archives that made the publication of the book possible, as well as a conceptual discussion about the concept of correspondence, autobiography, and contemporary Self Writing. Also, the text will look at letters as historical documents and paratexts. For this to happen, the authors

André Luiz Anselm (2015), Philippe Artières (2013), Leonor Arfuch (2010), Michel Foucault (1992), Regina Kohlrusch (2015), and Philippe Lejeune (2014), among others, will be used. As a result, the letters are seen as an attempt to remember a love that is about to end. Furthermore, the presence of the Brazil-England relationship and foreign expressions in the correspondence transform them into a paratext for the César's scholars.

Keywords: Correspondences. Paratexts. Autobiography. Ana Cristina César.

Referências

ABREU, Caio Fernando. Carta a Jacqueline Cantore, Porto, 1o de novembro de 1983. In: MORICONI, Italo (org.). *Caio Fernando Abreu: Cartas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

ALBERCA, Manuel. *El pacto ambíguo: De la novela autobiográfica a la autoficción*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2007.

ALSELM, André Luiz. O ofício da escrita: uma sondagem do fazer literário por meio de cartas de Caio Fernando Abreu. *LETRÔNICA*. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 232-242, janeiro-junho 2015.

ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In: TRANCAVAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (orgs.). *Arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 45-54.

CESAR, A. C. *Amor mais que maiúsculo: cartas a Luiz Augusto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CESAR, A. C. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. *Estud. av.*, n. 5, v. 11, jun./1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/zxdPKc5gmgfy5Qz3BcyvKyg/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2022.

HAY, Louis. A Literatura sai dos arquivos. In: SOUZA, Eneida M.; MIRANDA, Wander M. (orgs.) *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 65-82.

JACOBY, Sissa. "Cápsulas del tiempo": a epistolografia amorosa de Paul Auster e Camilo José Cela na composição de memórias e biografias. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 224-232, abr./jun. 2014.

JUSTINO, Katiuce Lopes. *Conversa de senhoras: a performance do feminino em Ana Cristina Cesar*. 154 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (ILBCE), Área de Concentração: Teoria Literária. Universidade Estadual de São Paulo, São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127566/000844507.pdf?sequence=>. Acesso em: 25 out. 2022.

KOHLRAUSCH, Regina. Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta. *In: LETRÔNICA*. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 148-155, janeiro-junho 2015.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MIRANDA, Wander Mello. Archivos e Memória Cultural. *In: SOUZA, Eneida M.; MIRANDA, Wander M. (orgs.). Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 35-42.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. Entre a vida real e a ficção: a correspondência como reservatório da ficção. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 190-194, abr./jun. 2014.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. Caio Fernando Abreu – cartas redescobertas: da memória adormecida à leitura genética. *In: Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 37-42, abr./jun. 2010.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. O empreendimento autobiográfico. José Guimarães e Erico Veríssimo. *In: A pedra e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Humanitas; Editora da UFMG, 2004, p. 277-342.

SILVEIRA, José Roberto. A correspondência de Caio Fernando Abreu: escrita e testemunho do homem do fim do século XX. *XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Curitiba, jul. 2011.

Recebido em 23/02/2023

Aceito em 21/09/2023

Publicado em 22/09/2023